



No ano passado, foi lançado no Brasil o livro "Criando Meninos", que continua sendo um grande sucesso de vendas. Pois é, em pleno século 21, a simples afirmação de que meninos e meninas são diferentes e, portanto, exigem atenção específica na educação é capaz de provocar tanta reação e receptividade. E nem estou me referindo ao conteúdo do livro, apenas a seu título. Entretanto a educação para as relações sociais entre os gêneros não tem merecido a devida atenção dos pais. Para pensarmos um pouco a respeito desse assunto, é preciso, primeiramente, entender esse conceito de gênero.

Quando uma criança nasce, ela logo recebe um nome que quase sempre a identifica segundo seu sexo biológico: feminino ou masculino. Ana, Paulo, Marina ou Álvaro, por exemplo, revelam uma pessoa que nasceu com determinado sexo biológico, cujas características são imutáveis.

À medida que eles vão sendo criados e educados, passam a aprender o que é ser homem e o que é ser mulher na nossa sociedade. A família e a escola, entre outras coisas -só para ficar nas instituições que se responsabilizam pela educação formal-, ensinam aos jovens hábitos, comportamentos e atitudes considerados mais apropriados a meninos e a meninas. A imagem de ser mulher e de ser homem, portanto, é uma construção social que se aprende e que, ao contrário do sexo, não é imutável: varia de acordo com a época, o grupo regional, étnico, econômico etc. E é essa construção que chamamos de gênero.

Sabemos que há grandes desigualdades sociais entre os gêneros. A mulher, por mais que tenha conseguido avançar nas lutas pela equidade de direitos, ainda tem muito por que lutar. Mas quero conversar a respeito da violência do homem contra a mulher com base em algumas cenas que observei pela cidade. Qualquer olhar mais atento poderá testemunhar o mesmo: jovens adolescentes -e falo da classe média- que se relacionam no espaço público, que conflitam, que falam alto e que revelam momentos da intimidade dos relacionamentos possibilitam que vejamos com frequência o quanto as garotas são agredidas moral e até fisicamente pelos namorados e até mesmo pelos irmãos. A cena de uma garota de uns 18 ou 19 anos levando tapas do namorado no rosto dentro de um carro novo importado e reagindo apenas com choro foi, para mim, chocante. Mas real.

Nem pais nem escola costumam lembrar que esse tipo de relação é aprendida e que sua permanência é garantida pela educação. Está certo que os estereótipos de gênero estão tão colados nos adultos que é bem difícil identificar, entre outras coisas, a diferença, muitas vezes sutil, que fazemos na relação com filhas e com filhos, na relação com alunas e com alunos. Mas tanto fazemos que eles põem isso em prática em suas vidas: os meninos se sentem no direito de agir e reagir com violência na relação com as garotas, e elas se submetem, como se isso fosse natural. Não é. Por isso precisamos intervir de modo educativo nessa situação desde cedo. Pais e mães precisam enfatizar aos filhos que existem, sim, diferenças entre meninos e meninas, mas que essas diferenças não devem permitir nenhum tipo de violência ou preconceito. Os meninos devem aprender a respeitar as meninas, e elas devem aprender a não tolerar nenhum tipo de agressividade.

Basta assistir à televisão com os filhos para ter a chance de pôr o tema em discussão: tanto a programação (inclusive os desenhos para crianças) quanto as peças publicitárias transmitem muitos estereótipos da relação entre homens e mulheres.

Será que os pais imaginam que a filha pode apanhar do namorado ou que o filho pode agredir a namorada? É preciso reconhecer a realidade para, então, nos responsabilizarmos por algum tipo de intervenção educativa. Voltarei ao assunto outras vezes.

ROSELY SAYÃO é psicóloga e autora de "Como Educar Meu Filho?" (ed. Publifolha)
@ - roselysayao@folhasp.com.br

(texto recebido de Lúcia pela lista Filosofia Espírita para crianças - www.edicoesgil.com.br)